



Centro de Humanidades - Departamento de Letras
Curso de Licenciatura Plena em Letras

MARIA VERÔNICA FERNANDES LOURENÇO

A IMPORTÂNCIA DAS FÁBULAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

GUARABIRA-PB

2015

MARIA VERÔNICA FERNANDES LOURENÇO

A IMPORTÂNCIA DAS FÁBULAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador(a): Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA-PB

2015

L892i Lourenço, Maria Verônica Fernandes
A importância da fábula na primeira infância [manuscrito] /
Maria Veronica Fernandes Lourenço. - 2015.
17 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva.,
Departamento de Letras".

1. Literatura e Ensino. 2. Literatura infantil. 3. Fábulas. I.
Título.

21. ed. CDD 028.5

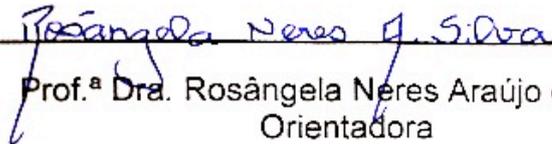
MARIA VERÔNICA FERNANDES LOURENÇO

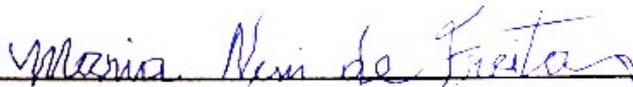
A IMPORTÂNCIA DAS FÁBULAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

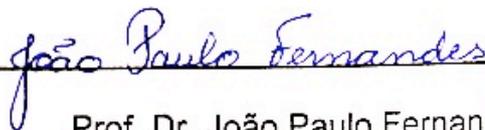
Aprovado em 03 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
Orientadora



Prof.^a Dra. Maria Neni de Freitas
Examinadora



Prof. Dr. João Paulo Fernandes
Examinador

A IMPORTÂNCIA DAS FÁBULAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

LOURENÇO, Maria Verônica Fernandes¹

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade tratar sobre a literatura infantil, desenvolvendo uma pequena reflexão comparativa sobre o gênero fábula, em especial, focando a fábula: “a cigarra e a formiga”, na versão de La Fontaine e de Monteiro Lobato, mostrando a importância da mesma para o desenvolvimento cognitivo e pessoal da criança na educação infantil. Nosso embasamento teórico inclui autores como Hunt (2010), Coelho (1991), Cunha (2006), Sousa (2004), Cademartori (2006), dentre outros. Dessa forma, compreendemos a riqueza que as fábulas possuem para o processo de ensino aprendizagem, quando trabalhada de maneira prazerosa, buscando abrir novos horizontes e desenvolvendo a construção de sentidos.

Palavras-chave: Literatura e ensino. Literatura infantil. Fábulas.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade discutir a literatura infantil na formação pessoal e intelectual da criança, focando a importância da mesma para o desenvolvimento de suas capacidades criativas, intelectuais e sociais.

Nas últimas décadas, a literatura infantil vem sendo objeto de pesquisa para muitos estudiosos dessa área, isso devido às inúmeras influências que ela exerce sobre a mente humana, no que se refere ao desenvolvimento das potencialidades do ser em processo da construção da aprendizagem.

A literatura infantil tornou-se uma riquíssima fonte para o processo de ensino e aprendizado, porque permite à criança a vivência de diferentes situações nas quais ela interage socialmente e constrói valores e normas que a acompanharão pelo resto de sua vida.

¹ Formanda em Letras, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva. E-mail: anaemilia2011_@hotmail.com

Nessa perspectiva, buscamos também abordar um pouco sobre o surgimento e a definição da literatura infantil, assim como a história das fábulas. Faremos uma breve análise de duas importantes fábulas: *A cigarra e a formiga*, de La Fontaine, e a versão de Monteiro Lobato, levando a uma reflexão comparativa sobre os valores e virtudes humanos existentes em suas narrativas.

Para esse propósito, utilizaremos como base os teóricos Cunha (2006, 2003), Sousa (2004), Coelho (1991), Cademartori (2006), Hunt (2010), Zilberman e Lajolo (1986).

As histórias que vivenciamos na infância nos trazem boas lembranças, principalmente, quando as revivemos. Deste modo, compreendemos que quando a criança escuta de alguém uma boa narrativa, com personagens fantásticos como acontece nas fábulas, ela assimila a narrativa com mais facilidade e com isso sua criatividade e imaginação fluem de forma natural.

2 O SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL

Durante o século XVIII, surgiram as primeiras obras direcionadas especificamente para as crianças, as quais eram escritas por intelectuais que estavam insatisfeitos com alguns costumes da época. Mediante a essa nova realidade começou a surgir várias histórias infantis que deram início a Literatura Infantil como a conhecemos hoje.

No decorrer deste mesmo século, tornaram-se conhecidos os mais variados contos populares coletados por Charles Perrault, escritor francês que adaptou histórias como a de Cinderela, O Gato de Botas, O Barba Azul, Chapeuzinho Vermelho, consagrando-o como o principal escritor da literatura infantil.

De acordo com Lajolo (2006, p. 15), em seu livro *Literatura Infantil Brasileira*, aponta que:

... seu livro provoca também uma preferência inaudita pelo conto de fadas, literalizando uma produção até aquele momento de natureza popular e circulação oral, adotada doravante como principal leitura infantil. (p.15)

Nesse mesmo período, também ganham destaque as fábulas, um gênero que vinha sendo utilizado desde muito tempo por alguns renomados fabulistas, como Fedro e Esopo. Porém, é Jean de La Fontaine, no século XVII, que torna esse gênero conhecido por vários países, a exemplo da Alemanha, França, Portugal, Espanha, etc.; destacando-se como um dos grandes fabulistas da modernidade.

A partir da literatura infantil, abriu-se espaço para uma literatura que se adequasse às necessidades da criança e que promovesse o seu desenvolvimento emocional, cultural, intelectual e social. Neste sentido, as publicações das obras destinadas a esse novo público, vão se tornando a cada dia, uma fonte riquíssima de conhecimentos e aprendizagem.

Por muito tempo, as crianças não tiveram uma literatura específica voltada para elas, pois faziam parte em tudo, da vida dos mais velhos, e assim eram tidas como “adultos em miniaturas”. Somente no século XVIII, é que elas passam a ser vistas com outro olhar. Nessa direção, a literatura infantil passou a ser vista como um instrumento didático, com a função de mediar o desenvolvimento da aprendizagem da criança. Desse modo, Cademartori (2006, p. 38) afirma que:

Os contos são eficazes exatamente pelo contrário das razões que levaram os burgueses a adotá-los: valem pelo terror e pelo conflito que apresentam à criança, permitindo, terapeuticamente, a solução de suas próprias turbulências emocionais.

Diante dessa nova realidade, começa a se pensar em uma literatura publicada especialmente para a infância e que ajudasse no desenvolvimento das capacidades do indivíduo incentivando o seu aprendizado. Com isso, a publicação de livros infantis contendo diferentes gêneros vai se intensificando cada vez mais, conforme explica Cunha (2006, p. 22):

A história da Literatura Infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no final do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveriam distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Desse modo, a literatura infantil nasce com o objetivo de transmitir valores aos novos modelos familiares criados pela sociedade burguesa que estavam se fortalecendo cada vez mais, a partir do casamento e da educação de herdeiros. Coelho (1991, p. 5) defende essa nova forma literária como:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo.

Nessa concepção, Sosa (1978, p.19) apresenta a literatura infantil como “um dos aspectos da literatura dentre as várias modalidades artísticas”. Logo, esse modo literário está voltado para o desenvolvimento integral da criança em seus inúmeros aspectos, tendo em vista que essa forma de literatura se preocupa com histórias para essa fase da vida humana.

Entretanto, somente a partir do século XX começa a ser propriamente diferenciada a literatura para criança e para o adulto. Nesse período de tempo, esse gênero passa a influenciar de modo significativo na formação educacional do sujeito, contribuindo no processo de seu desenvolvimento, levando-o a compreensão da sua realidade.

De acordo com Hunt (2010, p. 44):

A literatura infantil possui em si gêneros específicos: narrativa para a escola, textos dirigidos a cada um dos sexos, propaganda religiosa e social, fantasia, o conto popular e o conto de fadas, interpretações de mitos e lendas, o livro ilustrado (em oposição ao livro com ilustração) e o texto de multimídias. O reconto de mitos e lendas é pouquíssimo encontrado fora do universo da literatura infantil.

Logo, percebe-se que a Literatura Infantil é uma arte que possibilita à criança o encontro consigo mesma e com o mundo em que está inserida, colaborando na sua formação pessoal e social, por despertar a curiosidade, criticidade e estimular, de modo prazeroso, o ensino-aprendizagem.

3 CONTEXTOS DA LITERATURA INFANTIL

De acordo com Zilberman e Lajolo (1986), no decorrer do tempo, o estudo da Literatura Infantil passou a contribuir de maneira significativa na evolução da educação básica. A mesma tornou-se de fundamental importância para a formação educacional do sujeito e para o estímulo ao gosto pela leitura, principalmente na primeira infância, idade em que todos os hábitos estão em processo contínuo de formação. Nesse sentido, esse novo gênero literário, começou a desempenhar um papel de grande relevância na educação da criança e no seu desenvolvimento linguístico e intelectual.

Abrange um universo riquíssimo de gêneros literários, os quais reúnem os mais diversos elementos textuais, que estão explícitos em suas narrativas. Sendo assim, é necessário que a criança esteja em contato desde cedo, com as mais variadas obras, para que aos poucos vá compreendendo e valorizando a leitura do gênero.

Nesse contexto, vale ressaltar que as leituras das obras literárias direcionadas às crianças, devem ocorrer sempre acompanhadas do lúdico, de forma muito criativa, envolvendo fantasia e imaginação, considerando que essa é a melhor fase da vida do ser, período em que os valores humanos estão sendo formados.

Sabemos que a criança pequena, que tem acesso a várias obras desde a mais tenra idade, apresenta maior facilidade de assimilação e entendimento da própria realidade que a cerca. Assim, ela torna-se capaz de lidar com as suas próprias emoções, fazendo escolhas e construindo seu mundo.

Compreende-se então que a literatura Infantil é formada por obras artísticas com características criadas especialmente para a criança de primeira infância. Por isso, na educação básica, esse gênero tornou-se fundamental para o desenvolvimento cognitivo, por articular as atividades lúdicas, estimulando a imaginação e a criatividade do sujeito em formação.

Todavia, no advento da Literatura Infantil houve diversos questionamentos entre os educadores e literatos a respeito da existência desse tipo de Literatura, isso por causa da relutância de alguns escritores em aceitar

que escrevessem para crianças. Dessa forma, para que houvesse de fato uma literatura destinada, principalmente, para o público infantil foi preciso antes de tudo, que essa literatura tivesse qualidade e características de um excelente texto.

Dessa maneira, essa literatura é composta pelas obras realmente artísticas direcionadas à criança e que apresenta características peculiares deste gênero. Com isso, pode-se dizer que a mesma está em uma mudança constante, mas as obras continuam e continuarão sempre vivas, já que ela se faz presente nas rodas cantadas, nas brincadeiras, nos filmes infantis e na arte.

No Brasil, nos últimos anos do século XIX, com o estímulo dos nacionalistas foram trazidas para nosso país, as primeiras obras infantis, vindas da Europa que propunha um modelo de projeto educativo ideológico, conforme afirmam Zilberman e Lajolo (1986, p. 34):

É comum também que esses textos infantis envolvam a criança que os protagonizam em situações igualmente modelares de aprendizagem: lendo um livro, ouvindo histórias edificantes, tendo conversas educativas com os pais e professores.

O contato da criança com os livros, antes de aprender a ler permite torná-lo significativo como um objeto que lhe dá satisfação. Isto ocorre porque ao tocar, olhar, alisar, manusear o livro e brincar com as folhas e gravuras, ela sente um prazer enorme pelo o brinquedo.

Historicamente, literatura infantil e escola estão intimamente ligadas. Certamente que as histórias contribuíram em vários momentos e em diferentes aspectos da escolaridade infantil, mas sabe-se que é principalmente na escola, na maioria das vezes que a criança tem o contato direto com as histórias que servem de suporte para seu entretenimento, cultura e aprendizagem.

Nesse sentido, Monteiro Lobato foi o pioneiro de uma literatura infantil totalmente brasileira. Adaptou e recriou a literatura infantil, dando-lhe uma nova roupagem, tornando-a legitimamente nacional. Coelho (1991, p. 225) explica que: “A Monteiro Lobato coube a fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje”.

Também Sousa (2004, p. 141) declara que:

A partir das obras de Lobato, ocorre, portanto, uma verdadeira revolução na literatura infantil brasileira, uma vez que fora encontrada uma estética literária que agradava à criança. Além, disso há uma valorização da oralidade e do conhecimento como um todo, mas o objetivo primeiro é divertir.

4 A LITERATURA INFANTIL E AS FÁBULAS

Historicamente, a literatura infantil tem forte relação com as fábulas provindas do oriente. Transmitidas de geração em geração por meio da oralidade, a fábula ganhou um caráter singular, por utilizar-se de animais como personagens para contar proezas humanas. Sendo elas uma das principais expressões orais, tinham como finalidade ensinar a vida, a política, a religião e principalmente a moral, desde a primeira infância, e para as crianças vistas como pequenos adultos.

Nesse sentido, entende-se que as fábulas não foram direcionadas para as crianças como acontece na atualidade e sim para os adultos. Somente algum tempo depois é que ela foi introduzida no universo infantil, com a finalidade de educar, considerando que suas narrativas atraíam a atenção do sujeito por possuir características diferenciadas dos contos de fadas. Nessa direção, Sousa (2004, p. 19-20) aponta que: “[...] a fábula exprime de modo flagrante aspectos da natureza humana que se repetem nos indivíduos de todos os tempos, lugares e classes sociais. O caráter universal da fábula é gradativamente reconhecido.”

A fábula habita o contexto dos gêneros literários, enquadra-se na fase do mito, isso devido a fantasia que está presente em sua narrativa e que encanta a criança, por meio de pequenos relatos que dão vida tanto aos objetos, quanto aos animais.

Segundo Cunha (2003, p. 99-100):

Na realidade, cada criança tem seus próprios limites, num desenvolvimento peculiar definido por muitos e diferentes fatores. Mais do que conhecer as fases do desenvolvimento infantil, importa conhecer a criança, sua história, suas experiências e ligações com o livro.

O vocábulo fábula designa uma narrativa situacional vivenciada por animais, representando situações e sentimentos humanos e que visa a transmissão de certa moralidade. São pequenas histórias que transmitem uma lição, apontando os traços positivos e negativos da personalidade humana, como o egoísmo, a vaidade, a mentira, a esperteza, a bondade, dentre outros.

Ao longo do tempo o gênero fábula conquistou um vasto público e passou a ser utilizado como uma importante ferramenta para o desenvolvimento da aprendizagem escolar do indivíduo, especialmente na infância. Isso porque sua narrativa é breve, com apenas um diálogo e uma estrutura bem definida, contendo início, meio e fim, além de apresentar a lição de moral em destaque, no término da história.

Sabemos que é de grande importância a literatura infantil para o estímulo da leitura e escrita na educação de primeira infância, tendo em vista que nessa fase a criança está desenvolvendo suas inúmeras capacidades e habilidades, construindo novos saberes e conhecimentos. E para que isso aconteça de forma divertida e prazerosa, é relevante o trabalho com o gênero fábula.

Assim, no ambiente escolar, a literatura se transformou uma valiosa ferramenta para o aprendizado do ser humano, por permitir que o mesmo vivencie diversas situações, onde ocorram a interação e socialização. A instituição escolar é o espaço privilegiado para o incentivo à leitura, considerando que é nesse ambiente que muitas crianças têm, pela primeira vez, o contato com o livro.

A magia que existe nas histórias são formas de convite à leitura. Isso acontece por meio do jogo de palavras que aguça a imaginação da criança, possibilitando o seu interesse pelo código escrito. Entretanto, muitas escolas não estão focadas nessa variedade, pois ainda não perceberam que esse gênero literário contribui de modo bastante eficaz na construção do conhecimento da linguagem escrita, comunicativa, emocional e social do indivíduo.

5 AS FÁBULAS NA ESCOLA

Monteiro Lobato reúne em seu livro *Fábulas* (2008), inúmeros textos do gênero, recontando as fábulas de La Fontaine e Esopo, adaptadas para o contexto e realidade brasileira. Ele se utiliza de animais da nossa fauna para projetar valores humanos como a liberdade, a sabedoria, a astúcia, a audácia.

Segundo a tradução de Milton Amado e Eugênio Arnado, a fábula “A cigarra e a formiga”, de La Fontaine, apresenta-se como a primeira do volume um da obra de sua obra, a qual é composta de dois volumes.

Apresentamos abaixo os dois textos que são objetos de nosso estudo, objetivando fazer uma breve comparação.

Texto I	Texto II
<p>A cigarra e a formiga (La Fontaine)</p> <p>A cigarra, sem pensar em guardar, a cantar passou o verão. eis que chega o inverno, então, sem provisão na despensa, como saída, ela pensa em recorrer a uma amiga: sua vizinha, a formiga, pedindo a ela emprestado, algum grão, qualquer bocado, até o bom tempo voltar. -“Antes de agosto chegar, pode estar certa a Senhora: pago com juros, sem mora” Obsequiosa, certamente, a formiga não seria. -“Que fizeste até outro dia?” Perguntou à imprevidente.</p>	<p>A formiga Boa (Monteiro Lobato)</p> <p>Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé de um formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento, então, era observar as formigas na eterna faina em abastecer as tulhas. Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais arrepiados passavam o dia cochilando nas tocas. A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém. Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu... tique... tique....</p> <p>Aparece uma formiga, friorenta embrulhada num xalinho de paina.</p>

<p>-“Eu cantava, sim, senhora, noite e dia sem tristeza.”</p> <p>-“Tu cantavas? Que beleza! Muito bem: pois dança, agora...”</p>	<p>- Que quer? Perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.</p> <p>- Venho em busca de uma agasalho. O mau tempo não cessa e eu...</p> <p>A formiga olhou-a de alto a baixo.</p> <p>- E que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?</p> <p>A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse.</p> <p>Eu cantava, bem sabe...</p> <p>- Ah!... exclamou a formiga recordando-se.</p> <p>- Era você então que cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?</p> <p>- Isso mesmo, era eu...</p> <p>- Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraia e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: “que felicidade ter como vizinha tal cantora!” Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.</p> <p>A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.</p>
--	---

Inicialmente identificamos, a partir da leitura de cada texto, os pontos principais existentes em ambos, os elementos formais caracterizadores da fábula: extensão breve; linguagem simples, porém culta; presença personificada de animal, diálogos, moral da história.

No primeiro texto (o de La Fontaine), notamos que seu enredo apresenta duas personagens: a cigarra e a formiga. A primeira é apresentada aqui como a acomodada, totalmente despreocupada, que passava o verão a cantar, sem pensar nas dificuldades que poderia surgir no futuro. Já o segundo texto (o de Monteiro Lobato), aponta que a formiga passa todo o verão trabalhando incansavelmente, assim, quando chega a chuva, ela pode descansar durante todo o inverno.

La Fontaine inicia a narração mostrando, já nos primeiros versos, a insensatez da cigarra, que só pensava em diversão, ao dizer: “A cigarra, sem pensar em guardar, a cantar passou o verão”. Ou seja, ela não se organizou para enfrentar os dias ruins, não foi tão diligente como a formiga, e por isso enfrentou um tempo difícil com a chegada do inverno. Daí, percebemos o valor da organização e da sensatez, considerando que na vida surgem diversas situações que dependem exclusivamente do que você realizou no passado. Logo temos a cigarra preguiçosa e a formiga trabalhadeira.

No que se refere á questão da preguiça, que é focada na moral da própria narrativa, fica marcada a irresponsabilidade da cigarra que só viveu preocupada tão somente em cantar sem se importar com mais nada. Diante da triste realidade em que se encontra a cigarra, sem nenhuma provisão de alimentos para suprir suas necessidades, ela pensa em recorrer a uma amiga no intuito de conseguir algo para matar sua fome. Vale salientar que isso ocorre nos dois textos: “Sem provisão na despensa, como saída, ela pensa em recorrer a uma amiga: sua vizinha, a formiga” (em La Fontaine); e “Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu... tique... tique...” (em Monteiro Lobato).

Percebe-se que por causa da preguiça, a cigarra viu-se no momento sem nada, sua situação era precária por causa de sua atitude inconsequente, só lhe restava agora era submeter-se a um empréstimo de qualquer alimento que fosse para matar sua fome: “algum grão, qualquer bocado”, como nos relata o TEXTO I.

A fábula de Monteiro Lobato descreve a personagem da formiga repleta de bons sentimentos, como o reconhecimento e a gratidão pelo que a cigarra

fez nos momentos de tédio, durante todos os dias em que labutava, no período do verão. Esse comportamento causa certa surpresa ao leitor:

Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraia e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tal cantora! Entre amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo a mau tempo.

A personagem da formiga apresentada na fábula lobatiana é descrita como boa e generosa, reconhecedora do valor artístico da cigarra e sua função no universo. Desta forma, ela se distancia da personagem descrita na fábula de La Fontaine, valorizando o lugar do outro na sociedade e a harmonia da convivência entre espécies.

Ao analisarmos as fábulas, podemos perceber também, que as duas narrativas descrevem as mesmas personagens vividas pela formiga, mas com características diferenciadas. No TEXTO I, notamos que a formiga é má, incompreensiva, avarenta e arrogante: “-Tu cantavas? Que beleza! Muito bem: pois dança, agora...” Enquanto que no TEXTO II, a formiga reflete sobre a importância do trabalho da cigarra e valoriza-o, ela é amiga, compreensiva e sensível à situação da cigarra: “que felicidade ter como vizinha tal cantora! Entre amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo a mau tempo”.

A diferença na construção das personagens levará a criança leitora a uma reflexão sobre a constituição do caráter, sobre a recompensa e a compreensão, e sobre o valor do castigo e seus significados, fazendo com que, de forma lúdica, ela acesse e entenda valores inerentes à própria constituição do humano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidentemente que a literatura infantil vem conquistando um espaço privilegiado nas instituições escolares, aos poucos vem se tornando um instrumento muito utilizado no processo da construção de saberes e na formação da criança.

Para tanto, é bastante visível que nas escolas os gêneros relacionados a essa literatura ocupem um lugar significativo na imaginação das crianças. As fábulas, por exemplo, desenvolvem o processo cognitivo e comportamental da criança, fazendo-o compreender valores humanos.

São narrativas relacionadas com a imaginação e a curiosidade, por apresentar personagens vividos por animais, as quais possuem os mesmos sentimentos humanos e passam por dificuldades semelhantes. Isso faz com que a criança faça comparações diante de suas experiências vivenciadas.

Assim, nossa pesquisa mostrou duas possibilidades de leitura da fábula e sua interpretação, explicitando a importância desse texto na primeira infância, como um mediador de sentimentos e emoções, a fim de promover uma reflexão entre as crianças sobre valores como partilha, compreensão do outro e relevância do trabalho.

REFERÊNCIAS

- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise e prática**. São Paulo: Ática, 1991.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2006.
- _____. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2003.
- FONTAINE, Jean de La. **Fábulas: antologia**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- _____. Trad. Milton Amado (1913-1974) e Eugênio Amado. **II. Gustave Doré (1832-1883)**. Belo Horizonte: Itatiaia: Villa Rica, 1989/1992.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e Literatura Infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª Ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo: Globo, 2008.
- SOSA, Jesualdo. **A Literatura Infantil**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SOUZA, Loide Nascimento de. **O Processo estético de reescritura das fábulas por Monteiro Lobato**. Assis: [S.N.], 2004. Disponível em: http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bas/33004048019p1/2004/souza_in_me_assis.pdf. Acesso em: 06/05/2015.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Literatura Infantil Brasileira**: histórias e histórias. São Paulo Ática, 1986.